

# o livro e a leitura no brasil: algumas idéias alternativas

IARA FERREIRA DE MACEDO, bibliotecária da Biblioteca Setorial de Educação da UFRGS.

*RESUMO: Algumas idéias alternativas sobre o papel da leitura e suas implicações junto aos leitores; a situação da leitura no Brasil e a interferência de um sistema político-econômico caótico para o verdadeiro desenvolvimento de leitores críticos. Ressalta-se, ainda, alguns fatores fundamentais para o desenvolvimento da leitura no Brasil que são: o analfabetismo, a inflação e o custo de vida. Vê-se a influência dos meios de comunicação de massa, da escola e da produção editorial brasileira como elementos de vital importância e impulsionadores de uma crise de leitura, crise essa gerada pela falta de leitura do mundo, uma leitura compreensiva e constatadora da realidade vivida pelo leitor. Tenta-se, ainda, caracterizar o ato de ler como sendo um instrumento de conscientização e libertação, necessário a emancipação do homem na busca incessante de sua plenitude.*

*PALAVRAS-CHAVE: Livro: Brasil  
Leitura: Brasil*

## 1 INTRODUÇÃO

Parece de relevante importância indagar-se, nessa oportunidade, o que está ocorrendo com a leitura no Brasil.

Falar sobre o livro e a leitura é uma alta pretensão, mas que é feito com a intenção de contribuir com uma nova ótica sobre assuntos polêmicos e envolventes.

Tanto um tema como outro são inesgotáveis e envolvem vários sub-temas com inúmeras linhas de ação e pensamento. São temas inter-relacionados e não sobrevivem um sem o outro. Apenas, delimitar-se-á alguns campos, sem pretender com isto esgotar a questão, nem mesmo tratá-la de modo suficientemente detalhado.

Em princípio ver-se-á o papel da leitura e suas implicações; a situação da leitura no Brasil e a interferência de um sistema político-econômico caótico para o verdadeiro desenvolvimento de leitores críticos.

Um rápido exame da influência dos meios de comunicação de massa, da escola e da produção editorial brasileira como elementos de vital importância e impulsionadores de uma crise de leitura. Crise essa gerada pela falta de leitura do mundo, uma leitura compreensiva e constatadora da realidade vivida pelo leitor.

## 2 LEITURA

"A leitura no mundo precede a leitura da palavra. . ." Em nenhum outro momento, talvez, em sua trajetória pela alfabetização, Paulo Freire (2) conseguiu sintetizar tão bem as relações entre alfabetizando, escrita e oralidade, situando, no processo da leitura, o espaço de meditação entre essas realidades distintas.

Transformando a leitura em um processo, o desenvolvimento deste como introdução à escrita devolve, significativamente, ao leitor todas as implicações do fazer suas leituras a sua educação. Este leitor, que como sujeito da sua educação, participa e produz, que lê a palavra no mundo, com o mundo, porque o significado da palavra é dado pelo leitor que, ao ler, continua no mundo.

Sabe-se que um pré-requisito básico para o desenvolvimento da leitura numa sociedade refere-se à formação de leitores através do processo de alfabetização. Mas, vale ressaltar, que apesar de ser um elemento fundamental, a alfabetização não é suficiente em si mesma para garantir a evolução da leitura numa sociedade. Com isto quer se dizer, de que adianta saber ler se os objetivos da leitura (livros, jornais, revistas, etc.) não são colocados a disposição do indivíduo, ou, até mesmo, não há dinheiro para a compra. De que adianta saber ler se não existe uma leitura no mundo, uma leitura que represente a realidade social vivenciada pelo leitor e que lhe ajude a despertar a consciência crítica.

*"Seria preciso, então, considerar a leitura como um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem. Assim, o ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se também com acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre o leitor e o que é lido."* (MARTINS, 1985).

Considerando-se, a colocação acima, a leitura se realiza a partir do diálogo do leitor com o objeto lido — seja escrito, sonoro, um gesto, uma imagem ou um acontecimento. Este diálogo dependerá da atuação e do sentido que o leitor dará ao texto, de acordo com a situação, com a sua expectativa e necessidade.

Segundo SILVA (6), ao experienciar a leitura, o leitor executa um ato de compreender o mundo. O *compreender* deve ser visto como uma forma de ser, emergindo através das atitudes do leitor diante do texto, assim como através do seu conteúdo, ou seja, o texto como uma percepção ou panorama dentro do qual os significados são atribuídos. Assim, não basta decodificar as representações indicadas por sinais e signos, o leitor (que assume o modo da compreensão) porta-se diante do texto, transformando-o e transformando-se.

Através dos atos de decodificar e refletir, novos horizontes abrem-se para o leitor, pois ele experiencia outras alternativas. Mas, o encontro de novas alternativas, somente pode ser plenamente efetivado na transformação, isto é, na ação sobre o conteúdo do conhecimento, neste caso, o documento escrito. Esta transformação por parte do leitor exclui qualquer tentativa opressora de uma mensagem, ao contrário, ela é colocada como uma possibilidade para a reflexão e recriação.

## 3 LEITURA NO BRASIL

A caracterização da leitura como foi vista acima, ou seja, como sendo uma atividade de questionamento, conscientização e libertação gera algumas implicações, principalmente quando está vinculada com uma sociedade específica. É necessário saber se esta sociedade dificulta ou facilita o surgimento de leitores críticos e transformadores, como também, se faz da leitura uma atividade destinada à realização e ao bem-estar do povo ou, ao contrário, impede o surgimento

da consciência. E, o mais importante, ainda, se o objetivo da leitura (livro, jornal, revista, etc. . .) circula democraticamente, de modo a possibilitar o livre uso pela sociedade.

Na sociedade brasileira do presente, distingue-se a presença clara e dicotomizada de duas linhas humanas, divididas, desigualmente, pelos rigores do capitalismo. Por um lado, encontra-se a elite dominante, os detentores do poder, que agindo através dos mecanismos ideológicos do Estado, destróem a consciência reflexiva da classe trabalhadora, impedindo-os de agir como pessoa e/ou como classe, já que foram oprimidos e dirigidos para aceitar as condições sub-humanas que lhe foram oferecidas. De outro lado, encontra-se a classe trabalhadora oprimida e subserviente, regida pela ideologia da classe dominante.

Mas, qual a ligação desse processo com o desenvolvimento de leitura no Brasil? Não pode-se ignorar a organização da sociedade e o complexo cultural como um todo. A raridade de leitura e, portanto, de leitores na sociedade brasileira é reflexo de uma política ultrapassada que domestica os homens e impede o exercício da consciência e da transformação.

É necessário ter-se presente, ainda, um obstáculo fundamental para o desenvolvimento da leitura no contexto brasileiro: o analfabetismo.

*“Sem a possibilidade de compreender o material impresso, é impossível ao indivíduo situar-se dentro dos horizontes veiculados através da escrita. Ao analfabeto, fica vedada a possibilidade de fruição dos bens culturais que compõem o patrimônio literário da sociedade.” (SILVA, 1981)*

Além disso, pode-se dizer que não existe tradição de leitura no Brasil. Devido às condições de desenvolvimento histórico e cultural do país, a leitura, como atividade de lazer e atualização, sempre se restringiu a uma minoria de pessoas que teve acesso à educação e, por conseguinte, ao livro. Assim, o lazer proporcionado pela leitura fica restrito àqueles que tiveram e que têm a possibilidade de frequentar a escola de forma privilegiada. Escola esta, que não é idealizada para o povo em geral e, conseqüentemente, tornando-se a leitura um privilégio das elites.

Outros fatores barram o desenvolvimento da leitura junto à maioria do povo brasileiro, como a inflação e o custo de vida. O alto preço do livro e o baixo poder aquisitivo da sociedade em geral fazem com que a leitura transforme-se num luxo restrito às classes privilegiadas.

Enfim, num país onde nem todos adquiriram o direito universal de ler que amplia a sua liberdade pessoal, cada não leitor (analfabeto ou alfabetizado) deve ser a preocupação fundamental de cada cidadão, educador ou não.

#### 4 CRISE DA LEITURA

Há uma constatação irrefutável: o uso dos meios impressos de comunicação é hoje reduzido, em todo o mundo. Tanto o acesso quanto o tempo dedicado pelo público ao rádio e à televisão são maiores que aqueles — os destinados ao livro, ao jornal e à revista.

Assim, há uma predominância quantitativa dos veículos eletrônicos sobre os veículos impressos. A partir daí, configura-se uma crise da leitura.

Mas que crise é essa? Para os educadores, ela significa a ausência de leitura de texto escrito, principalmente livros. É preciso investigar os inúmeros fatores determinantes dessa situação, entre os quais destaca-se o de a leitura estar limitada à escola, com a utilização dos chamados livros didáticos. No caso brasileiro, sendo a escola o lugar onde a maioria aprende a ler e escrever, e talvez o único contato de muitos com os livros, estes passam a ser identificados com os livros didáticos. Esses textos condensados resultam em manuais de ignorância, mais inibem do que estimulam o gosto de ler. Elaborados de modo a transmitir uma visão de mundo conservadora, repressiva, tais livros estão repletos de falsas verdades, a serviço de ideologias autoritárias. Esse falso livro prospera como resultado de uma política educacional e sistema sócio-econômico desastrosos encobrendo-se, assim, um diálogo espontâneo e crítico entre o professor e o aluno e de ambos com seu material de trabalho.

Portanto, há um desvio básico quanto à crise da leitura enfocada pelos educadores.

O Brasil, em termos de publicações, distribuição e venda de material impresso, principalmente livros, deixa muito a desejar. Mas a oferta vem aumentando, inclusive a preços mais acessíveis a maiores camadas da população.

A questão é mais ampla e complexa. Resulta da precariedade de condições sócio-econômicas e na ineficiência da instituição escolar.

Observa-se, que:

*"Em 1971 a produção mundial de livros era de cerca de 500 mil títulos por ano. Em volume, isso significa de 7 a 8 bilhões de exemplares, a taxa anual de crescimento situando-se por volta de 4% para títulos e 6% para exemplares. No mesmo período, levando-se em conta os adultos que se alfabetizaram e as crianças que freqüentaram escolas, a população mundial de leitores elevou-se a mais do dobro. Por isso podemos dizer, com certo grau de confiança, que o livro está mantendo sua posição mesmo em uma era da comunicação de massa."* (ESCARPITT & BAKER apud MELO, 1982).

Enquanto que:

*"A produção editorial brasileira, excetuando-se o ramo específico dos livros didáticos, atingiu, no ano de 1985, 33.198.762 de exemplares, contra 28.672.35 de exemplares em 1984, com um crescimento de 15,8%. O número de títulos publicados passou de 6.105 em 1984 para 6.696 em 1985. O que representa um acréscimo de 9,7%. Estes dados, apurados na tabulação da produção das 100 maiores editoras representam grande parte da produção livreira do país nas grandes áreas da ficção, não-ficção e infantil."* (CORREA, 1986, p. )

Parece um paradoxo falar-se de crise da leitura, se observarmos que a imprensa continua crescendo.

Porém, se observarmos por outra perspectiva, a crise da leitura cresce e assume duas dimensões:

- a) o volume de leitores não se reproduz em proporção comparável à redução das taxas de analfabetismo, à expansão da rede escolar e ao ritmo de crescimento da indústria editorial;
- b) o volume da produção editorial, apesar de mostrar-se crescente, não tem sido suficiente para atender a demanda dos novos leitores.

A crise da leitura delinea-se, portanto, como um fenômeno que não pode ser avaliado se não como produto da sociedade de classes e como decorrência da ordem econômica mundial, gerando respectivamente uma desigualdade entre as classes proprietárias e as trabalhadoras e entre países ricos e pobres, projetando-se na esfera cultural.

No Brasil, costuma atribuir-se aos meios de comunicação de massa a responsabilidade pela crise da leitura.

Trata-se de um preconceito difundido sobretudo nas camadas cultas da sociedade o que não encontra sustentação objetiva na realidade. "Um dos raros estudos que examina a questão é a tese de mestrado de Luis Milanese, O paraíso via Embratel. Ele observa a maior audiência conquistada pelo rádio e pela televisão, permanecendo a leitura circunscrita àqueles segmentos da população que freqüentam a escola pública e que adquirem a obrigação de ler." (MILANESI apud MELO)\*

*"Numa época em que o olho eletrônico da televisão está aí no mundo ao redor, padronizando o conteúdo das informações, barrando as possibilidades de escolha do receptor,*

---

\*MILANESI, Luis Augusto. *O Paraíso via Embratel*; o processo de integração de uma cidade do interior paulista na sociedade de consumo. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978. 224p. Apud MELO, José Marques de. Livro, escola e comunicação de massa: anotações sobre a crise da leitura. *Comunicação e Artes*, São Paulo (11): 113-24, 1982.

*criando obstáculos ao aparecimento de indivíduos mais idiossincráticos, homogenizando consciências e massificando a população, seria importante trazer à luz algumas funções da leitura. . .” (SILVA, 1981)*

Examinando as palavras de Silva vê-se o quanto importante torna-se a compreensão da mensagem escrita, a comunhão da mensagem e leitor, para uma verdadeira leitura crítica. Não se quer dizer com isto, que outros veículos (rádio, televisão, cinema, etc. . .) não sirvam ou não se apliquem à circulação da cultura. Se forem repensados e reformulados seus processos e conteúdos, de modo a facilitar a conscientização das massas, esses meios podem contribuir para a evolução da sociedade. O problema é que, no caso brasileiro, os chamados meios de comunicação de massa têm servido às elites dominantes, inculcando e reforçando a ideologia por elas produzida.

## 5 CONCLUSÃO

O objetivo deste estudo foi contribuir com uma sugestão alternativa dos problemas da leitura na sociedade brasileira.

Numa sociedade que pretende atingir a educação pública universal, todo esforço deve ser feito a fim de permitir que o aluno se transforme num leitor. Este objetivo somente pode ser totalmente compreendido quando lembra-se que todo aluno tem potencialidade para decodificar a linguagem escrita e para derivar satisfação de leitura.

É preciso acabar com a visão estereotipada que os meios de comunicação de massa são os responsáveis pela crise da leitura.

Já é senso comum afirmar que as crianças brasileiras cada vez mais se afastam do livro, que não se lê mais como antigamente, que a TV substitui o livro, que não há tempo para ler, etc. . . Tudo isso são efeitos de um problema maior que atinge a sociedade como um todo, ou seja, o processo de imbecilização imposto de cima para baixo através de uma política que semeia a ignorância, a alienação e a irracionalidade.

Neste trabalho, tenta-se caracterizar o ato de ler como sendo um instrumento de conscientização e libertação, necessário à emancipação do homem na busca incessante de sua plenitude.

E, nesta busca incessante temos como instrumento a leitura crítica como condição para a educação libertadora, como condição para a verdadeira ação cultural que deve ser implementada junto a todas instituições voltadas à disseminação da cultura.

Do raciocínio até aqui desenvolvido deriva a convicção de que não podemos responsabilizar os meios de comunicação de massa pela crise da leitura e, conseqüentemente, do livro. Deve-se atribuir à escola uma das principais responsabilidades na formação do hábito de ler. Pois, efetivamente, é a escola, a instituição fundamental para estimular a leitura e formar leitores permanentes. Mas não é o que acontece. O hábito de leitura não se aprende, pois, de forma compulsória na escola. É algo que faz parte dos padrões culturais de um país, de uma comunidade e de um sistema político-educacional. É uma atividade que se inicia no núcleo de educação informal, ou seja, a família, e encontra sustentação na vida comunitária.

Nessa linha, sugere-se que as escolas se transformem em centros de participação comunitária, permitindo que as famílias tomem consciência de sua responsabilidade quanto a orientação sadia dos alunos-leitores. Assim, a leitura se consolidará dentro de um processo de transformação das estruturas da sociedade. E, como diz Silva (7) a leitura crítica sempre leva à produção ou construção de um outro texto: o texto do próprio leitor.

**BIBLIOGRAFIA CITADA:**

- 1 CORRÊA, José. O que os dados indicam. *Quem é Quem no Mercado Editorial*, São Paulo, jun. 1986. A análise.
- 2 FREIRE, Paulo. *A importância do Ato de Ler*. São Paulo, Cortez, 1983. 96p.
- 3 HALLEWEL, Laurence. *O Livro no Brasil* (sua história). São Paulo, T. A. Queiroz, EDUSP, 1985. 693p.
- 4 MARTINS, Maria Helena. *O que é Leitura*. 5. ed. São Paulo, Brasiliense, 1985. 93p.
- 5 MELO, José Marques de. Livro, Escola e Comunicação de massa; anotações sobre a crise da leitura. *Comunicação e Artes*, São Paulo (11): 113-24, 1982.
- 6 SILVA, Ezequiel Theodoro da. *O Ato de Ler*; fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. São Paulo, Cortez, Autores Associados, 1981. 104p.
- 7 ———. *Leitura e Realidade Brasileira*. 2.ed. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985. 104p.
- 8 SILVA, Ezequiel Theodoro da & MAHER, James P. O Enigma da Leitura no Brasil: afinal, quando começaremos a desvendá-lo? *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, 4 (26): 89-91, set. 1978.